

RECORDANDO CLÓVIS MONTEIRO

Eneida do Rego Monteiro Bomfim
PUC-Rio

Em 13 de julho de 1961, aos 62 anos, Clóvis Monteiro faleceu, deixando uma lacuna na Filologia e um vácuo irreparável no seu grande clã, integrado, não apenas pelos dez filhos e suas famílias, pela mãe e irmãos, mas também pelos amigos, colegas, alunos e discípulos que nele encontraram apoio, confiança, amor e respeito.

Nasceu em Fortaleza, Ceará, no dia 10 de setembro de 1898. Era o segundo dos oito filhos de Adolpho Thiers do Rego Monteiro e de Júlia Rodrigues Monteiro. Aos dezessete anos perdia o pai e, como o irmão mais velho, Mozart Monteiro, estava no Rio de Janeiro, estudando Direito, ficou à frente da família, educou os irmãos menores e desvelou-se até a morte pela mãe a quem venerava. Somente quando se viu em condições materiais de ampliar a família, casou-se com Maria Luisa de Oliveira, coroando um relacionamento que já vinha da meninice, quando ele, aos onze anos, conheceu uma menina de dez que, além de aluna brilhante do melhor colégio de moças da capital cearense (lia Cesar no original aos onze anos), já era uma pianista extraordinária.

Maria Luisa foi a companheira de todas as horas e com ele colaborou, copiando com caligrafia impecável os escritos de Clóvis e anotando trechos de conferências ou outros trabalhos que ele ditava, para ganhar tempo, enquanto se preparava para sair. Entre esses ditados estavam as palestras proferidas na Universidade do Ar, curso programado e transmitido pela Rádio Nacional, em ondas médias e curtas para todo o Brasil.

A facilidade de expressão oral e, por outro lado, a labuta diária em sala de aula, que se estendia das sete da manhã às vinte e duas horas, contribuíram fortemente para que não registrasse por escrito suas reflexões e pontos de vista sobre a língua e sobre a história da literatura no Brasil. A independência intelectual, segurança teórica, originalidade, intuição para interpretar os fatos lingüísticos e literários foram a marca da sua atividade docente. Esse legado ficou com as sucessivas gerações de alunos e discípulos que tiveram o privilégio de tê-lo como professor.

A vida de trabalho iniciou-se na adolescência. Em Fortaleza, colaborou nas revistas literárias *Fenix* e *Colombo*, nos prestigiados jornais *Unitário* e *Correio do Povo*, foi secretário de *A Tribuna*, com dezesseis anos.

A passagem pela imprensa foi meteórica. Já então despontava a vocação para o magistério. Dedicou-se a grupos de candidatos aos chamados exames preparatórios que se realizavam em estabelecimentos oficiais de ensino que tinham como padrão o Colégio Pedro II e conferiam o certificado de habilitação ao ingresso nos cursos superiores. Dizia com orgulho que seus alunos logravam aprovação na primeira tentativa.

Aos dezenove anos, tornou-se, por concurso, Professor Normalista da Armada, com exercício na Escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará. Em 1920 escrevia a tese *Morfologia e Sintaxe do Substantivo na Língua Portuguesa*, em conformidade com o ponto sorteado, pensando em concorrer a uma cadeira de português no Colégio Militar do Rio de Janeiro. Não foi possível inscrever-se: não possuía certificado de reservista. Sua grande aspiração, pode-se dizer, sua meta, era prestar concurso para o Colégio Pedro II. Com esse objetivo publicou a tese *Da Tendência Análítica na Evolução do Nosso Idioma* (1926). Entre os candidatos ao concurso obteve o segundo lugar. A cátedra foi conquistada por Quintino do Vale com quem manteve laços de estreita e fraterna amizade por toda a vida.

Em 1928, fixou residência no Rio de Janeiro. Aqui chegando foi o primeiro colocado no concurso concorridíssimo para Professor de Ensino Secundário da Prefeitura do Distrito Federal.

Publicou no ano seguinte a tese *Traços do Romantismo na Poesia Brasileira*, para concorrer à cátedra de Literatura vernácula, especialmente brasileira, na Escola Normal do Distrito Federal. O concurso realizou-se em 1931 e o jovem cearense desconhecido saiu vitorioso. As reminiscências dessa época, apesar da tenra idade, levam-me a Antenor Nascentes, compadre de Clóvis duas vezes e a Ernesto Faria, ambos freqüentadores assíduos de nossa casa e, mais tarde, a Serafim da Silva Neto.

Em 1933 escrevia *A Linguagem dos Cantadores*, na condição de candidato a uma das cadeiras de Português do Colégio Pedro II. Isso, às vésperas do encerramento das inscrições, graças ao estímulo do grande amigo Ernesto Faria que saiu em campo, na busca de capital para a edição do trabalho. Lembro-me bem dessa fase. Já éramos então seis filhos. Eu, a mais velha, andava pelos sete anos e o caçula ainda não completara dois. Nosso pai, fechado no gabinete de trabalho, não estava presente às refeições. Andávamos na ponta dos pés e nossa mãe nos conseguia manter afastados e razoavelmente bem comportados. A tese foi publicada sem os exemplos, porque encareceriam e inviabilizariam a edição. Maria Luisa e a irmã mais nova de Clóvis, Yedda, prematuramente falecida, copiaram em fichas os verbetes com o registro das ocorrências nos textos, coligidos e publicados por Leonardo Mota no livro *Cantadores* e que haviam servido de base para o estudo. O concurso só se realizou em 1936 e não é necessário dizer-se que o fichário de aço com cerca de 1600 fichas acompanhou o candidato na defesa de tese. Clóvis Monteiro conquistou a cátedra.

Nos últimos anos de vida, convidou-me para ajudá-lo na reedição da obra. Cobia-me, como tarefa inicial, conferir os exemplos com as fontes. Por envolvimento de

ambos com as obrigações do dia a dia, a empreitada não passou do limiar. A morte levou o mestre, o turbilhão dos afazeres arrastou-me para outras direções. Mais tarde, o saudoso Cavalcanti Proença propôs-me a retomada do projeto. Faleceu antes que tivéssemos estabelecido o plano de trabalho.

Clóvis Monteiro não lecionou apenas em estabelecimentos oficiais de ensino. Trabalhou em vários colégios particulares de renome, Andrews, Jacobina, Santo Inácio, São Bento, Sion. Com a criação das Faculdades de Filosofia Ciências e Letras, em 1939, foi catedrático fundador da Faculdade Santa Úrsula, hoje USU, da Faculdade Católica, posteriormente PUC-Rio e da Faculdade Lafayette, depois UEG e hoje UERJ. Foi também professor do Instituto Rio Branco, a convite de Guimarães Rosa.

Paralelamente às atividades docentes e de pesquisa, exerceu atividades administrativas a partir de 1937. Foi diretor da Escola Secundária do Instituto de Educação (1937), do Colégio Pedro II, Internato (1938-1947) e do Externato (1956-1961). Secretário Geral de Educação e Cultura na administração do Prefeito Mendes de Moraes, criou o almoço escolar, com base em pesquisa reveladora de que o mau rendimento na escola estava diretamente relacionado à deficiência alimentar. Duplicou em três anos a rede escolar. Criou as Escolas Rurais, onde os alunos familiarizavam-se com o plantio e outras atividades do campo, paralelamente às tarefas escolares de rotina, e as mães aprendiam técnicas de aproveitamento e conservação de alimentos e trabalhos artesanais.

Como administrador, foi lúcido, renovador e construtivo. Foi bom e justo. Transcrevo o testemunho de Jairo Dias de Carvalho, no trabalho “A vida e a obra de Clóvis Monteiro”, publicado na *Miscelânea Filológica* em honra do mestre :

“Devem-lhe imensamente as gerações que cursaram o velho Internato do Colégio Pedro II, na década em que ele o dirigiu. Sua presença fez de um casarão, que poderia ser triste, o alegre lar de todos, pois não distinguia entre os filhos que ali estudavam e os demais alunos, a todos dando o mesmo tratamento compreensivo e amigo.” (op. cit. p.XIV)

Incontáveis foram as bancas de concursos públicos promovidos pelo antigo DASP de que participou como examinador ou presidente. No Colégio Pedro II, examinou em concursos para as cátedras de Português, Latim e Literatura. Na Faculdade Nacional de Filosofia foi examinador de Alceu Amoroso Lima no concurso para a cátedra de Literatura Brasileira.

Conhecia além das línguas neolatinas (não tenho notícia de que conhecesse o catalão nem o romeno), o grego, o latim, o inglês, o árabe e o alemão. Surpreendi-me, quando criança, ao encontrar um caderno em que Clóvis transcrevia suas versões de textos do grego para o latim e deste para o alemão.

Acredito que não seja do conhecimento geral que foi poeta inspirado. A maior parte da sua produção poética é de quando andava pelos dezessete anos. São, na maioria, sonetos parnasianos, de versos decassílabos ou alexandrinos, revelando um poeta inspirado e um artista esmerado. Parte desse material foi publicado em 1915 e

1916 no *Correio do Ceará* e, posteriormente, algumas de suas produções figuraram em antologias e livros editados no Ceará. Depois de longo silêncio, em 1939, escreve o epitáfio transcrito no túmulo da sua irmã Yedda. Nas décadas de 40 e 50, o Suplemento Literário do *Correio da Manhã* publicou poemas de Clóvis Monteiro, uns antigos e outros compostos de março a maio de 1946. Marcou a volta à poesia o soneto “Prece”, dirigido à sua filha Maria Lyriss, Irmã Luisa Maria, que acabara de ingressar como postulante na Congregação de Nossa Senhora de Sion. Clóvis reuniu seus poemas, agrupou-os em partes de um livro que pretendia publicar, mas não chegou a realizar o seu intento.

Era muito procurado pelos jornais para opinar sobre questões controversas relativas ao português.

Orador inspirado, raramente escrevia seus discursos. O mesmo acontecia com palestras e conferências de que ficaram, quando muito, esboços de roteiros ou pequenos trechos como, por exemplo, o começo de uma conferência sobre “Camões e a língua portuguesa”, proferida na Academia Brasileira de Letras em 1943, no curso Camões e incluída no opúsculo *Fundamentos Clássicos do Português do Brasil*. Relaciono a seguir as obras que publicou, acompanhadas de um rápido comentário.

- *Morfologia e Sintaxe do Substantivo na Língua Portuguesa*. Fortaleza, Gráfica A. C. Mendes, 1920. Tese apresentada, em concurso, à Congregação do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Neste primeiro trabalho, revela surpreendente familiaridade com os ensinamentos dos expoentes da época. Nota-se já a independência e o espírito crítico que acompanharam sempre a sua atividade intelectual.

- *Da Tendência Analítica na Evolução do nosso Idioma*. Rio de Janeiro, Pongetti, 1926. Tese apresentada, em concurso, à Congregação do Colégio Pedro II.

O conteúdo dessa tese aparece anotado e modificado na Primeira parte do livro *Português da Europa e Português da América*.

- *Traços do Romantismo na Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro, Tip. D’A Encadernadora, 1929. Tese apresentada como candidato à cadeira de Literatura vernácula, especialmente brasileira, na Escola Normal do Distrito Federal. O autor discorda de pontos de vista de alguns críticos nacionais e defende com segurança e objetividade suas opiniões. É particularmente importante a posição que assume com relação ao papel que os poemas épicos de Basílio da Gama e Santa Rita Durão têm na história da nossa literatura. A esse respeito é citado por Afrânio Peixoto na sua edição de *O Uruguai*.

- *Português da Europa e Português da América*. Aspectos da evolução do nosso idioma. Rio de Janeiro, Depositária J. Leite, 1931. A 3a.ed. é da Livraria Acadêmica, 1959. Trata-se de sua principal obra. Nas palavras de Joaquim Ribeiro “um livro magistral e definitivo” (*Miscelânea Filológica* em Honra à Memória do Professor Clóvis Monteiro. Rio de Janeiro, Editora do Professor, 1965).

Este livro compõe-se de três partes: 1 - Da Tendência Analítica; 2 - Da Influência do Tupi e 3 - O Problema Ortográfico.

• *Nova Antologia Brasileira*. Rio de Janeiro, F.Briguiet, 1933. A última edição em vida do autor é a 15a., de 1960.

Foi a única obra didática de Clóvis Monteiro. São importantes os resumos biobibliográficos dos autores que figuram na antologia, as notícias sobre as características dos estilos de época em que se enquadram os textos que se situam entre Romantismo e Modernismo e, principalmente, as 120 notas sobre assuntos gramaticais, motivadas pelos textos.

• *A Linguagem dos Cantadores*. Segundo textos coligidos e publicados por Leonardo Mota. Rio de Janeiro, 1933. Tese apresentada, em concurso, à Congregação do Colégio Pedro II.

A tese apresenta, inicialmente um vocabulário de 1600 itens, agrupados de acordo com sua procedência. Seguem-se comentários sobre usos peculiares ao português do nordeste e capítulos que tratam das tendências fonéticas, da morfologia e da sintaxe dos textos estudados.

• *Ortografia da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Colégio Pedro II, 1955.

São apresentados documentos referentes à história do sistema ortográfico em Portugal e no Brasil, seguidos de numerosos exemplos ilustrativos das normas vigentes.

• *Fundamentos Clássicos do Português do Brasil*. Rio de Janeiro, Colégio Pedro II, 1958.

Neste opúsculo, trata do problema da língua nacional no Brasil, analisa as características gerais da língua portuguesa no Brasil colonial e depois da Independência e também comenta a situação atual do português do Brasil. Em anexo, relaciona, com comentários, 126 regionalismos lexicais.

• *Esboços de História Literária*, Rio de Janeiro, Acadêmica, 1961.

Composto com base nos apanhados taquigrafados de Mariana Bastos, aluna da turma do 2º ano do Curso Complementar de Direito do Colégio Andrews, em 1940, este livro veio a lume depois da morte do autor. Nele assume posição crítica e pessoal em face de pontos importantes de nossa história literária.

Encerro com a apreciação do querido mestre Sílvio Elia sobre a obra de Clóvis Monteiro:

“Não publicou muito, mas em tudo que escreveu há o selo de uma inteligência arguta servida por bem sedimentada cultura. Foi dos nossos poucos filólogos que puderam dedicar-se não só à língua, mas também à literatura, e a esses estudos trouxe sempre uma palavra de bom senso e de sábia moderação”. (*Ensaio de Filologia*, Rio de Janeiro, Acadêmica, 1963, p.199).
